



UMA MARÉ NEGRA

ARTHUR VIANNA



GABI LINO



Um olhar sobre o impacto do racismo estrutural nas doenças de 56% dos brasileiros - PÁGINAS 8 E 9.

AFFONSO DALUA



CASA PRETA DA MARÉ | Espaço surgiu para promover resistência e acolhimento étnico-racial - PÁGINA 3.

GABI LINO



Temáticas de gênero, raça e inclusão ganham força na educação na Maré - PÁGINAS 6 E 7.

WOW | FESTIVAL MULHERES DO MUNDO COLOCA O SABER, A EXPERIÊNCIA E O AFETO FEMININO EM PAUTA PARA UM FUTURO MELHOR - PÁGINA 10.

O PARAÍSO DAS CASAS COLORIDAS | COM 41 ANOS DE FUNDAÇÃO, VILA DO JOÃO ESBANJA MOCIDADE E POTÊNCIA - PÁGINA 11.

EDITORIAL

A luta negra no Brasil é uma jornada constante em busca de equidade, justiça social e reparação. Em um país de maioria negra, a saúde tem sido um ponto de preocupação. Disparidades no atendimento médico e nas taxas de mortalidade mais altas entre negros evidenciam a urgência de ações para garantir que todos tenham acesso a cuidados de saúde de qualidade. É preciso gerar políticas de valorização da vida em seu sentido mais amplo.

A educação com diversidade desempenha um papel crucial na promoção da igualdade. A valorização da história e cultura negras nas escolas não apenas fortalece a autoestima das crianças negras, como também promove a própria existência, o respeito mútuo e o combate ao racismo.

Além disso, é fundamental criar oportunidades de emprego para reduzir o alarmante número de desempregados negros no país. E quando empregados, que seu trabalho seja valorizado, já que em 2022 apenas 5% dos trabalhadores negros ocupavam cargos de gerência ou diretoria.

Combater o racismo estrutural e promover políticas inclusivas são passos essenciais para construir um Brasil mais justo. A jornada é longa, mas a esperança é de que o compromisso com a igualdade prevaleça. O nosso compromisso prevalece.

CHARGE - NANDO MOTTA



Nando Motta
Chico Alencar

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redesmaré
MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1008A
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
marenoticias@gmail.com
contato@marenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Jéssica Pires

EDITORA
Ana Paula Lisboa

FOTOGRAFIA
Affonso Dalua
Arthur Vianna
Gabi Lino
Voz das Comunidades

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Adriana Pavlova
Andreza Paulo
Hélio Euclides Mtb 29919/RJ
Jéssica Pires
Teresa Santos
Samara Oliveira

REVISÃO
Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO
Affonso Dalua

DIAGRAMAÇÃO
Affonso Dalua

IMPRESSÃO
Gráfica Tribuna

TIRAGEM
10 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Comida de Favela
FESTIVAL DE SABORES DA MARÉ 2023
03/11 a 02/12

www.redesdamaré.org.br

BAR E PENSÃO EDSON POTIGUAR

LÍNGUA com purê de aipim
R\$ 15,00

Refeições, Petiscos e Bebidas

Ter. - Dom. | 8h às 20h
(21) 96445-5346
Via C11, nº 41
Conjunto Pinheiro
Cartões, Dinheiro e Pix

BAR AMPARO

FEIJOADA
R\$ 20,00

Refeições e Bebidas

Seg. - Sáb. | 11h às 15h
(21) 96427-6770
Rua Luiz Ferreira, nº 145
Baixa do Sapateiro
Cartões, Dinheiro e Pix

JAPA FOOD

DOG JAPA Hotfiladelfia recheado com salmão e cream cheese.
R\$ 27,00

Comida Japonesa e Bebidas

Ter. - Dom. | 19h30 às 00h30
(21) 98301-9343
Av. Guilherme Maxwell, nº 84
Morro do Timbau
Cartões, Dinheiro e Pix

CHURRASQUINHO DO JORGE

CHURRASQUINHO com baioá
R\$ 17,00

Refeições, Churrasco e Bebidas

Qua. - Dom. | 16h às 2h
(21) 96706-9350
Rua Ari Leão, nº 7
Parque União
Cartões, Dinheiro e Pix

ACOMPANHE O MARÉ DE NOTÍCIAS NA INTERNET!



GAROTA DA TEIXEIRA

SALMÃO RECHEADO
R\$ 30,00

Refeições, Petiscos, Pizzas e Bebidas

Todos os Dias | 11h às 1h
(21) 99802-8222
Rua Teixeira Ribeiro, nº 711
Nova Holanda
Cartões, Dinheiro e Pix

BURGUERIA DN

LIMOSINE hot-dog com linguiça artesanal, carne seca e queijo coalho.
R\$ 20,00

Lanches e Bebidas

Qua. - Qui. | 19h às 1h30
Sex. - Dom. | 19h às 2h
(21) 97290-7637
Rua Santa Rita (Rua B), nº 13
Nova Holanda
Cartões, Dinheiro e Pix

FRANGO DA VILA

FRANGO ASSADO e batata
R\$ 25,00

Frango Assado

Sáb. - Qui. | 9h às 22h
(21) 99386-7340
Rua da Adoração, nº 392
(Antiga Principal) Vila do João
Cartões, Dinheiro e Pix

PENSÃO PETISCO

RABADA com agrião, batata e cuscutz nodestino
R\$ 30,00

Refeições, Petiscos e Bebidas

Seg. - Sáb. | 7h às 16h
(21) 98303-2018
Via CB, nº 95
Conjunto Pinheiro
Cartões, Dinheiro e Pix

CAFETERIA R&B

RISOLE de linguiça toscana
R\$ 15,00

Doces, Salgados e Bebidas

Ter. - Sáb. | 12h às 21h
(21) 96724-3984
Via A1, nº 71
Vila dos Pinheiros
Cartões, Dinheiro e Pix

BOTECO TÔ CHEGANDO

GOURJÃO DE FRANGO com molho da casa
R\$ 30,00

Refeições, Petiscos e Bebidas

Seg. - Qui. | 18h às 00h
Sex. | 16h às 4h • Sáb. | 16h às 00h
(21) 96845-4434
Av. Bento Ribeiro Dantas - Bloco 17
Conjunto Pinheiro
Cartões, Dinheiro e Pix

KI EMPADA BOA

EMPADA de frango com creamcheese
R\$ 2,50

Empadas e Bebidas

Ter. - Sáb. | 12h às 19h
(21) 99779-1539
Rua Teixeira Ribeiro, nº 752
Nova Holanda
Cartões, Dinheiro e Pix

AMARELINHO 24H

CALDO DE MOCOTÓ
R\$ 15,00

Refeições, Petiscos e Bebidas

Seg. - Sáb. | 24h
(21) 97539-5622
Rua Guilherme Frata, nº 374
Baixa do Sapateiro
Cartões, Dinheiro e Pix

ROBSON QUENTINHAS

ESCONDIDINHO de batata baroa com recheio de rabada
R\$ 23,00

Refeições e Bebidas

Todos os Dias | 11h30 às 16h
(21) 99657-3941
Rua Bitencourt Sampaio, nº 317
Nova Holanda
Cartões, Dinheiro e Pix

TRAILER DA MORENA

ANGÚ À BAIANA com molho de costela bovina
R\$ 8,00

Refeições e Bebidas

Seg. - Sex. | 16h às 22h
(21) 99140-5437
Rua da Adoração, nº 215
(Antiga Principal) Vila do João
Cartões, Dinheiro e Pix

CARNE DE SOL DO CAPITÃO

CARNE DE SOL com aipim cozido e Baião de Dois
R\$ 30,00

Refeições, Petiscos e Bebidas

Dom - Qui. | 11h30 às 23h30
Sex. - Sáb. | 11h30 às 1h
(21) 98156-5790
Rua 1, Praça do Fogo Cruzado
Conjunto Bento Ribeiro Dantas
Cartões, Dinheiro e Pix

BAR E CHOPERIA ESPERANÇA

COXINHA com massa de abóbora e recheio de carne seca
R\$ 30,00

Refeições, Petiscos e Bebidas

Seg. - Dom. | 11h às 6h
(21) 97012-5975 • (21) 3104-6126
Rua Esperança, nº 12
Parque União
Cartões, Dinheiro e Pix

CASA PRETA DA MARÉ

Espaço surgiu para promover resistência e acolhimento étnico-racial

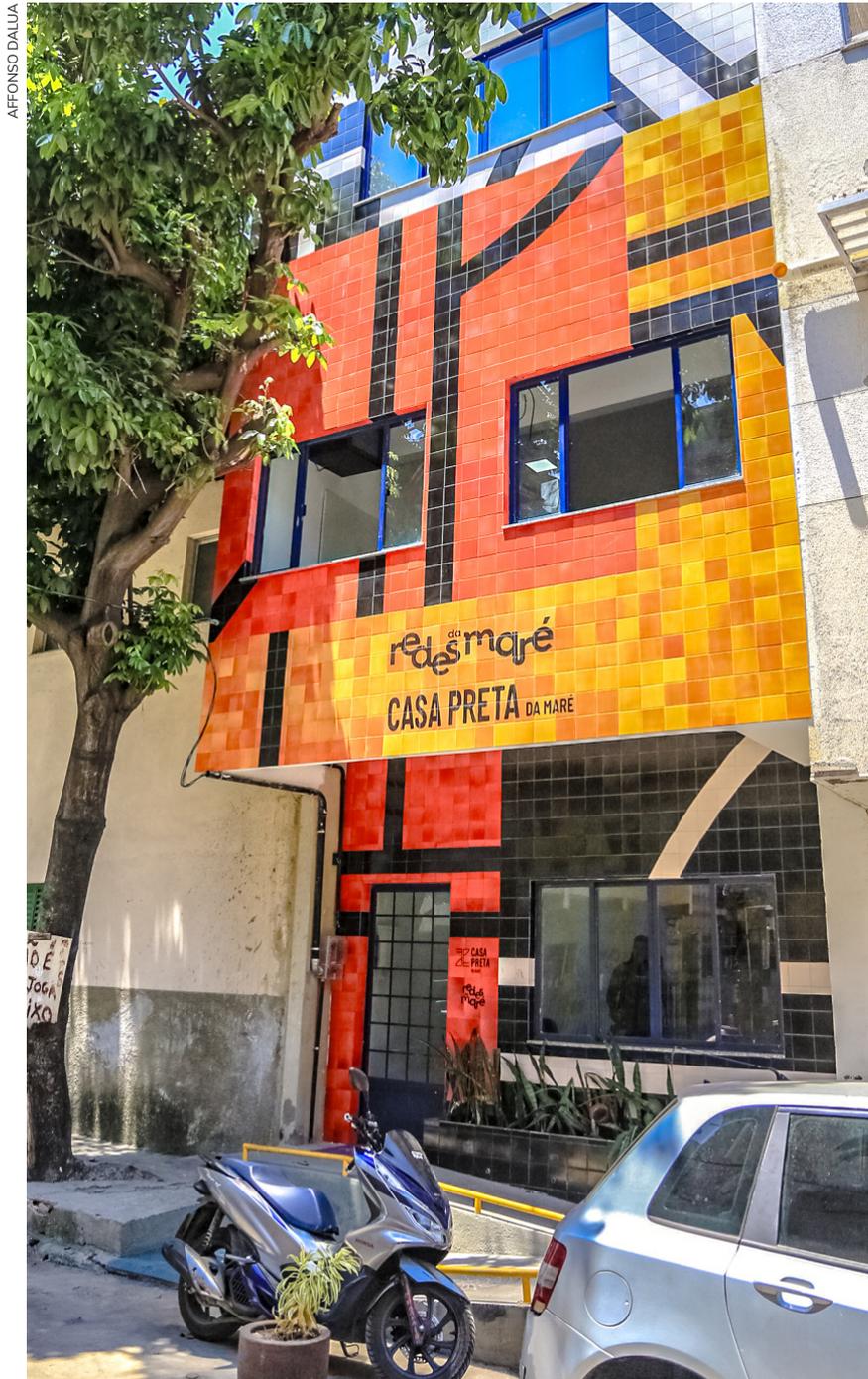
HÉLIO EUCLIDES

Passados 135 anos da abolição do sistema escravista no Brasil, ele continua presente no dia a dia de mais da metade da população, através do racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira. E foi para discutir questões relacionadas à raça que surgiu a Casa Preta da Maré — um território que, segundo o Censo Maré de 2019, tem 62,1% de seus moradores autodeclarados pretos ou pardos.

A Casa Preta da Maré nasceu de uma atividade de grupo no dia da divulgação dos dados do censo que mapeia os territórios.

“Estávamos discutindo os dados de raça que apareceram, até que uma das reflexões nos levou a constatar que já tínhamos um espaço referência para as mulheres, outro para o problema das drogas, e também equipamentos de cultura — já estava na hora de termos uma Casa Preta da Maré”, conta a economista **Thais Custodio**, cofundadora e coordenadora da Rede de Economistas Pretas e Pretos (REPP).

Dados de 2023 da pesquisa *Percepções sobre o racismo no Brasil*, realizada pelo Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (Ipec) e divulgada pela Agência Brasil, revelou que 51% dos brasileiros declarou já ter presenciado um ato de racismo e que 60% consideram, sem nenhuma ressalva, que o Brasil é um país racista. (O levantamento foi feito sob encomenda do Instituto de Referência Negra Peregum e do Sistema de Educação por uma Transformação Antir-



A inauguração oficial do espaço acontece no dia 30 de novembro (Foto: Thais Custodio/Projeto Seta).

RACISMO ESTRUTURAL

Projeto da Redes da Maré, a Casa Preta da Maré é um espaço de formação teórico-metodológica e política para trabalhar as questões étnico-raciais no conjunto de 16 favelas da Maré, como forma de enfrentar o racismo estrutural que sempre caracterizou a sociedade brasileira.

Rodrigo Almeida, produtor da Casa Preta da Maré e morador do Conjunto Esperança, destaca que um dos objetivos do espaço é a pos-

sibilidade de discutir questões que não eram muito pautadas no território, como raça e ancestralidade.

Todos os meses são realizadas diversas atividades gratuitas como forma também de produzir conhecimento. São rodas de conversa, exibição de filmes, debates, formações e aulas de campo pelo território.

“A Casa promove a Escola de Letramento Racial, que está na terceira edição. Os 20 jovens mareenses inscritos recebem, por cinco meses, uma formação sobre o assunto e uma bolsa auxí-

lio”, explica Rodrigo,

Segundo ele, “há ainda atividades pontuais como o Cine Conceição, (nome dado em homenagem à escritora Conceição Evaristo), o Café Preto e o Corpo Negro em Movimento”.

MULTIPLICADORES

A casa ainda se envolve com outros projetos do território, como o Luta Pela Paz, e realiza atividades com alunos de escolas municipais e estaduais.

“Queremos que não só os negros sejam protagonistas, como a sociedade tenha uma mudança no olhar. Uma das finalidades da Casa é a formação de pessoas que sejam multiplicadoras e atuem em outros espaços. Desejamos semear esses diálogos de forma a se perpetuarem”, diz ele.

Para Rodrigo, a incidência política pode ser por meio do letramento racial, uma formação para a sociedade refletindo histórias que não são contadas nos livros escolares. “O desejo da Casa Preta para o próximo ano é crescer mais com projetos de discussão sobre o tema da raça, incidência política e de acolher quem sofreu racismo, com atendimento psicológico”, conta o produtor cultural.

A Casa Preta da Maré segue aberta para visitas e realização de ações de segunda a sexta, das **10h às 16h**, na Rua Sargento Silva Nunes, 1.016, Nova Holanda.

A inauguração oficial acontece no dia **30 de novembro**, com uma programação das **10h às 17h**.

Contato: casapreta@redesdamare.org.br.

POR UMA ESCOLA SEM PRECONCEITOS

Temáticas de gênero, raça e inclusão ganham força na educação na Maré



Temas de gênero, raça e inclusão perpassam as atividades

**ADRIANA PAVLOVA E
HÉLIO EUCLIDES**

Uma das 42 recomendações ao poder público da recém-lançada Carta para a Educação da Maré diz ser necessário “incluir as temáticas de gênero e raça no planejamento das ações pedagógicas das unidades escolares, estimulando discussões regulares sobre racismo, machismo e discriminação de pessoas LGBTQIAP+”.

De olho nessa proposição e movido pelas celebrações da Consciência Negra, o Maré de Notícias foi a campo descobrir como se dá a educação com pressupostos antirracistas, antimachistas e sem preconceitos nas escolas da Maré.

A boa notícia é que, nos últimos anos, as ações articulando essas questões têm deixado de ser pontuais e foram incorporadas ao planejamento anual dos projetos pedagógicos de algumas escolas. Há trabalhos inspiradores, que vão além da obrigatoriedade do ensino da História e sobre as culturas afro-brasileira e indígena no currículo do En-

sino Básico.

MÁSCARAS AFRICANAS

É o caso do Espaço de Desenvolvimento Infantil Pescador Albano Rosa, na Vila dos Pinheiros. Temas de gênero, raça e inclusão perpassam transversalmente as atividades pedagógicas das 12 turmas, envolvendo de forma exemplar não apenas as crianças de 1 a 6 anos, como suas famílias.

Ali, bebês brincam com imagens coloridas do cotidiano da população negra carioca do início do século passado, retratadas pelo pintor Heitor dos Prazeres; crianças preparam adereços com máscaras africanas e braceletes indígenas para a Feira Cultural de Valorização dos Povos Originários; meninas e meninos leem o livro infantil Amoras, do rapper Emicida, e aprendem a fazer mungunzá, comida à base de milho de origem africana (também chamada de canjica).

Em 2023, a tônica foi a construção da identidade dos alunos, levando em conta peculiaridades do territó-

rio e a experiência dentro da escola. Como explica a diretora

Gilda de Almeida, “nossa aposta é na inclusão e para isso é importante termos um diagnóstico da comunidade”.

Gilda revela que, durante a matrícula das crianças, “vimos que muitas famílias não conseguiam se autodeclarar pretas e pardas, houve comentário negativo sobre o cabelo de uma aluna negra e preconceito contra alunos estrangeiros”.

ANTIRRACISMO

Entre as ações desenvolvidas, foi montada uma exposição de fotografias sobre a profissão das mães para, dessa maneira, valorizá-las e empoderá-las. Além disso, a escola ampliou a oferta de materiais artísticos para autorrepresentação das crianças, como um novo estoque de lápis com variadas cores de pele.

“A criança tem sensibilidade, leva para casa as práticas antirracistas que aprende na escola. O trabalho micro de educação vai ajudando a mudar a so-

cidade de uma forma mais macro”, avalia **Lucélia Per-**

rut, diretora adjunta. Outro exemplo encorajador é o trabalho multidisciplinar com alunos entre 16 e 82 anos inscritos no programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), realizado na Escola Municipal Clotilde Guimarães, em Ramos. Ali, o público é majoritariamente mareense.

Incentivados pela diretora e mulher negra Rosângela Oliveira da Silva, os professores apostam em aulas e atividades que valorizam a identidade de cada estudante.

MANDELA E SUASSUNA

A escola discute gênero, raça, xenofobia, homofobia e potencialidades da favela a partir de autores ou pensadores como Nelson Mandela, Carolina Maria de Jesus e Ariano Suassuna. Assim, criado um ambiente de acolhimento, inclusive para alunas e alunos transgêneros.

“São referências ligadas à representatividade do nosso público, que ajudam os

GABRILINO



Diretoras da EDI Pescador Albano Rosa, Gilda de Almeida e Lucélia Perrut, Professores apostam em aulas e atividades que valorizam a identidade dos estudantes

alunos a olharem a própria história de outra forma e assim, elevarem a autoestima”, explica a professora de história e geografia **Caroline dos Santos**, ela mesma nascida na Maré.

Caroline conta que o livro *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, ofereceu reflexões sobre a favela de ontem e de hoje, incentivando os estudantes a pensarem nos potencial dos moradores da Maré.

Já a biografia do ex-presidente sul-africano Nelson Mandela os encorajou a escreverem sobre suas próprias trajetórias. Trechos da minissérie *O auto da compadecida*, inspirada no livro do autor paraibano Ariano Suassuna, serviram para debater os preconceitos contra o povo nordestino.

EDUCADORES À FRENTE

Para dar conta dos temas de raça e gênero, os próprios educadores da Escola Clotilde têm buscado a formação continuada. Recentemente, o grupo fez o chamado Circuito da Pequena África, no Centro, um passeio sobre a memória da cultura africana no Rio.

As ações práticas de educação antirracista, antimachista e inclusiva ain-

da dependem do empenho pessoal dos educadores à frente das escolas ou de iniciativas de fora para dentro, estimuladas por parcerias com organizações da sociedade civil do território, como a Redes da Maré e o Luta pela Paz.

Com a experiência de quem roda as escolas da Maré desde 2009 para incentivar práticas educativas que levem em conta gênero, raça e classe, a articuladora da Redes da Maré **Tereza Onã** confirma a ampliação do interesse de professores, estudantes e suas famílias.

Sua batalha é que o trabalho aconteça a partir de um planejamento pedagógico anual em cada unidade escolar. Não por acaso, Tereza foi a convidada de honra do primeiro dia de atividades na EDI Albano Rosa este ano, além de mediar uma roda de conversa apenas com alunas na EJA da Clotilde Guimarães:

“A escola ainda é um lugar muito branco. A maioria das professoras é branca e as cozinheiras, pretas. É preciso quebrar essa hierarquia racial e oferecer formação para os professores. Gosto de rodas de conversa, de apostar na multilinguagem, em misturar roupa de chita, comida típica, música,

dança, porque falar sobre racismo é muito ruim, pesado, então melhor seguir pelo caminho lúdico”, diz Tereza.

TROCA DE SABERES

É na Escola Municipal Professor Josué de Castro, na Vila do João, parceira da Redes da Maré no trabalho de articulação, que Tereza Onã tem conseguido maior avanço na troca de saberes com direção e professores.

Já existe preparado um projeto político-pedagógico para 2024 levando em conta raça e gênero, e um projeto piloto foi posto em prática para as turmas do 7º ano. Até o fim do ano, os alunos estão assistindo a aulas de afroetnomatemática com o professor Diego Marcelino, inspiradas nos conhecimentos dos povos

da diáspora africana, e de memória afro-indígena na Maré, com o educador Marcos Melo.

Além disso, no projeto de articulação da associação Redes da Maré nas escolas, a Casa Preta implementou ações sobre questões étnico-raciais na EDI Albano Rosa, nas escolas municipais Millôr Fernandes, Teotônio Vilela e Nova Holanda, e no CIEP Ministro Gustavo Capanema.

Oficinas organizadas pela Casa das Mulheres sobre direitos sexuais e reprodutivos ocuparam salas das escolas municipais Professor Josué de Castro e Olimpíadas 2016, do CIEP César Pernetta e dos colégios estaduais Bahia e Professor João Borges de Moraes.

Sugestões sobre diversidade e inclusão da Carta para a Educação da Maré:

1. Garantia de escolarização e permanência de estudantes LGBTQIAP+, com formação específica de professores para acolhimento da diversidade.
2. Ter mediadores, suporte em sala, transporte e benefícios assistenciais para estudantes PCD.
3. Incluir autores negros e história da Maré nos materiais pedagógicos.
4. Reflexão e respeito a práticas religiosas não hegemônicas.

GABRILINO



Equipe da Escola Municipal Clotilde Guimarães envolvida nas ações valorizando a identidade dos alunos

OPERAÇÃO MARÉ

VOZ DAS COMUNIDADES



Cotidiano dos moradores da Maré foi impactado por seis dias de operações policiais em diferentes favelas do conjunto

JESSICA PIRES

Outubro foi um mês marcado por incertezas na Maré, impactada por seis operações policiais em 13 das 16 favelas do conjunto. Foram seis dias em que, somando escolas públicas municipais e estaduais da Maré, pelo menos 17 mil alunos não tiveram aulas, e mais de três mil atendimentos médicos foram suspensos.

As ações policiais fizeram parte da Operação Maré, comandada pelo governo do estado do Rio de Janeiro, em resposta à reportagem veiculada no programa Fantástico, da TV Globo, que denunciava facções criminosas. O anúncio do governador Cláudio Castro confirmava a união de forças entre os governos estadual e federal para ações na Maré.

Por conta da mobilização de organizações da sociedade civil, o Minis-

tério da Justiça acabou recuando e informou, antes mesmo do início das ações, que a participação das forças federais não se daria dentro das favelas, e sim nas vias e acessos à cidade.

ONDE NASCE A VIOLÊNCIA?

“Considerando que a violência é um processo complexo, multicausal e multiescalar, as estratégias de enfrentamento também devem ser sofisticadas e variadas. As respostas devem ser preventivas e integradas, com soluções a médio e longo prazo”, destacou Eliana Sousa, fundadora e diretora da Redes da Maré, em nota pública da organização.

Eliana afirmou no comunicado que “soluções que somente poderão ser eficazes se aplicadas junto a outras estratégias de efetivação de direitos para os moradores destes territórios, para além

das ações das forças policiais”.

Para o professor de sociologia Daniel Hirata, coordenador do Grupo de Estudos dos Novos llegalismos da Universidade Federal Fluminense (GENI/UFF), a existência e as práticas dos grupos armados em favelas se devem também por meio da convivência do Estado.

“É a convivência em diversos níveis, direta ou indiretamente, do executivo, do legislativo, dos órgãos de fiscalização, das forças policiais. Então, atuar contra a penetração desses grupos no Estado seria forte”, diz ele.

VIOLAÇÕES

Em junho de 2020, o Supremo Tribunal Federal proferiu a liminar acatando as medidas propostas na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental de nº 635 (conhecida como ADPF das

Favelas) de restrição das operações policiais a “casos excepcionais”. Desde então, 77 operações ocorreram em ao menos uma das 16 favelas da Maré. As ações das forças de segurança resultaram em:

49 Pessoas mortas por arma de fogo;

34 dias de atividades suspensas nas escolas;

47 dias sem atendimento nas unidades de saúde;

413 violações de direitos, sendo **131** denúncias de invasões a domicílios.

Nestes três anos, não foi identificado o uso de câmeras em fardas e viaturas policiais em nenhuma operação policial. Em apenas uma operação houve a presença de ambulâncias no território para socorrer feridos.

O plantão do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro foi acionado 18 vezes pela Redes da Maré e, até o presente momento, as famílias em acolhimento não obtiveram retorno sobre as denúncias. Os dados são do eixo Direito à Segurança Pública e acesso à Justiça da Redes da Maré.

VOZ DAS COMUNIDADES



Desde junho de 2020 foram registradas 77 operações na Maré relacionadas aos direitos socioambientais e urbanos, direitos humanos de públicos específicos e das mulheres, habitação, acesso à justiça, segurança pública, saúde, educação, assistência social, segurança alimentar, igualdade racial, arte e cultura, comunicação e internet, esporte e lazer.

INTELIGÊNCIA

Apesar da narrativa do governo do estado sobre o inédito uso da inteligência e da tecnologia durante a Operação Maré, nos seis dias de ação policial foram identificados agentes sem câmeras acopladas aos uniformes; só houve ambulância para socorro à vítimas em dois dias e não foi realizada perícia e preservação dos locais onde ocorreram as duas mortes resultantes das operações.

Sobre o uso das câmeras corporais, o Núcleo de Imprensa do Governo do Estado do Rio de Janeiro informou que a implantação do equipamento está sendo estendida e chegará às demais unidades da corporação: “Até o fim deste ano, 13 mil câmeras deverão estar em operação em todas as unidades da corporação, inclusive nas subordinadas ao Comando de Operações Especiais (COE)”.

O Maré de Notícias segue monitorando o cumprimento da decisão do STF que determinou a instalação de câmeras corporais.

Em todos os seis dias de operações foram registradas invasões de domicílios, danos ao patrimônio, subtração de pertences, e agressões físicas, verbais e psicológicas a moradores, cometidas por agentes policiais. Durante a retirada de barricadas em algumas favelas, o abastecimento de água também foi prejudicado.

Questionamos o governo do estado e o Ministério da Justiça sobre a divulgação de plano estratégico com definição de objetivos, metas e indi-

A MARÉ QUE QUEREMOS

A mobilização Redes da Maré e organizações parceiras que trabalham pela defesa dos direitos de moradores de favelas durante operações policiais, em conjunto com as associações de moradores da Maré, gerou um ofício com pedidos de ações para o governo federal.

O documento foi recebido pela Secretaria-Geral da Presidência da República (SGPR), que atendeu ao pedido de diálogo com as lideranças da Maré. No dia 25 de outubro, representantes de nove ministérios receberam os presidentes das associações e de algumas organizações como a Redes da Maré, o Observatório de Favelas, o Luta pela Paz e o Maré Vive, em uma reunião na Fundação Oswaldo Cruz.

Entre os pedidos das associações estão ações

relacionadas aos direitos socioambientais e urbanos, direitos humanos de públicos específicos e das mulheres, habitação, acesso à justiça, segurança pública, saúde, educação, assistência social, segurança alimentar, igualdade racial, arte e cultura, comunicação e internet, esporte e lazer.

Foi acordado que os representantes dos ministérios entregarão a carta aos ministros com a expectativa de um retorno por meio de um instrumento de trabalho. Espera-se a articulação da União com a Prefeitura do Rio e o governo do estado do Rio de Janeiro; o desdobramento de reuniões de trabalho dos ministérios em diálogo com o território; e a articulação de ações locais com entidades e universidades. As ações serão coordenadas pela Secretaria Nacional de Diálogos Sociais e Articulação de Políticas Públicas da SGPR.

ATOS DESUMANOS



Em todos os seis dias de operações foram registradas violações

VOZ DAS COMUNIDADES

O presidente da Associação de Moradores do Parque União, **Roberto Estácio**, esteve presente ao encontro, e relatou que “todos os dias acordamos com a incerteza de um dia de paz em nosso território enquanto os governantes, desprendidos de sentimentos e sedentos de uma ‘razão’ que não entendemos, nos segregam do restante da cidade, subjugando nossas crianças e a classe trabalhadora como se fossem diferentes do restante da população do Rio de Janeiro.”

Ele classifica as operações como “atos irresponsáveis e desumanos” e evidencia a diferença das operações em favelas e no restante da cidade: “Há pouco tempo apreenderam quase 50 fuzis em uma mansão luxuosa e não precisou de helicóptero, caveirão. Não precisou fechar as escolas, muito menos cerceou o direito de ir e vir dos moradores daquele local.”

Já com a Prefeitura do Rio o diálogo aconteceu no dia 26 de outubro. Também em uma reunião, as organizações envolvidas reforçaram a importância do acompanhamento do poder municipal das ações elencadas pelas lideranças.

No encontro, foi comunicado que a Secretaria de Habitação da cidade está inscrevendo um projeto no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do Governo Federal para a região da Maré e outros territórios da Zona Norte.

Pedro Francisco, presidente da Associação de Moradores do Conjunto Esperança e também presente na reunião, reforça que as ações que as favelas precisam não são as policiais: “Precisamos de ações sociais, como projetos, balcões de empregos e renda para nossas comunidades. Precisamos da presença dos poderes e órgãos públicos atuando diariamente e não só nas eleições.”



Hipertensão, anemia falciforme, e deficiência de G6PD, são exemplos de condições mais frequentes na população negra brasileira

SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA

Um olhar sobre o impacto do racismo estrutural nas doenças de 56% dos brasileiros

SAMARA OLIVEIRA, ANDREZZA PAULO E TERESA SANTOS

No dia 20 de novembro é celebrado o Dia Nacional de Zumbi e o Dia da Consciência Negra. O mês ainda registra o Dia Mundial do Diabetes (14), o Dia Nacional de Combate à Tuberculose e o Dia Mundial de Combate ao Câncer de Próstata (17). Essas datas parecem não ter relação, mas as doenças citadas estão diretamente relacionadas à população negra, que hoje corresponde a 56% dos brasileiros, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

DIABETES

O Brasil ocupa o 6º lugar no ranking mundial de incidência do diabetes, somando 15,7 milhões de adultos afetados, de acordo com dados de 2021 do Atlas do Diabetes da Federação Internacional de Diabetes. O número elevado de casos entre a população negra e a falta de controle da doença preocupam os especialistas.

A obstetra Gisseila Garcia é doutora em saúde pública pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ao

analisar para sua tese os dados de 2008 a 2019 do Estudo Longitudinal em Saúde do Adulto (Elsa Brasil), ela identificou que mulheres e homens negros apresentam mais que o dobro da probabilidade de controle glicêmico inadequado.

O Elsa Brasil é um estudo levado a cabo pelos ministérios da Saúde e de Ciência e Tecnologia, através de um consórcio de instituições (Fundação Oswaldo Cruz/RJ, Universidade de São Paulo/USP, universidades federais da Bahia/UFBA, Espírito Santo/Ufes, Minas Gerais/UFMG e Rio Grande do Sul/UFRGS).

Segundo o Elsa Brasil, o levantamento ouviu homens e mulheres “com idade entre 35 e 74 anos, que fazem exames e entrevistas nas quais são avaliados aspectos como condições de vida, diferenças sociais, relação com o trabalho, gênero e especificidades da dieta da população brasileira”.

MAIORIA NEGRA

As diferenças entre brancos e negros também é marcante no caso da tuberculose. Segundo o Observatório

Epidemiológico da Cidade do Rio de Janeiro (EpiRio), em 2022 o município registrou 9.339 casos da doença, sendo a maioria (65,7%) em pessoas negras.

Somente a Área de Planejamento 3.1, na qual a Maré está inserida, registrou 1.294 casos, ficando atrás apenas da AP 5.1 (Bangu). Dos casos registrados em território mareense e bairros adjacentes, mais de 70% foram de pessoas negras.

Com relação ao câncer de próstata, 611 homens morreram vitimados por essa doença na cidade do Rio de Janeiro em 2022, conforme dados do EpiRio. Do total, 41,5% eram pretos ou pardos. Na AP 3.1, foram 95 mortes, das quais 43,2% ocorreram em pessoas negras.

GENES E AMBIENTE

O historiador **Paulo Roberto de Abreu Bruno**, pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz), explica que, além dessas doenças, outros agravos são especialmente preocupantes na população negra.

“Hipertensão arterial, anemia falciforme, e deficiência de G6PD, um distúrbio genético hereditário que pode levar à destruição dos glóbulos vermelhos após uma doença ou o uso de alguns medicamentos, são exemplos de condições mais frequentes na população negra brasileira. Doença renal crônica e asma são outros agravos que também são apontados em pesquisas como de alta incidência em pessoas negras”, diz.

Segundo o pesquisador, vários fatores atuam nesse cenário de forma inter-relacionada. A genética, por exemplo, tem um peso importante no caso de algumas doenças, tais como a anemia falciforme, a hipertensão, o diabetes e a deficiência de G6PD.

Mas as condições de moradia, renda, escolarização, entre outros, também são relevantes. Isso significa, por exemplo, que ter ou não acesso a saneamento básico, mobilidade, segurança e lazer também contribui para o desenvolvimento de algumas dessas doenças.

ARTHUR VIANNA



População negra apresenta mais que o dobro da probabilidade de ter diabetes no Brasil

SEM INFORMAÇÃO

Paulo Roberto explica que a alimentação é outro fator importante: “O consumo de produtos industrializados ultraprocessados, bebidas açucaradas, entre outros, em lugar de alimentos saudáveis, pode prejudicar muito a saúde. Ou seja, os hábitos alimentares inadequados exercem forte influência no desenvolvimento ou no agravamento de algumas das doenças citadas.”

Vale ressaltar que esse consumo é impulsionado tanto pela condição de classe social com baixa remuneração e desemprego, quanto pela falta de acesso a informações, por exemplo, sobre as origens e a forma como esses alimentos são produzidos.

A pobreza no Brasil está diretamente relacionado à raça: segundo dados do IBGE de 2021, a proporção de pessoas pobres no país era de 18,6% entre os brancos e 72,9% entre os negros. Segundo a mesma pesquisa, uma pessoa branca brasileira recebe em média 75% a mais que uma pessoa negra.

DIREITOS NEGADOS

Para o pesquisador da Fiocruz, os direitos básicos

da população negra têm sido negados — incluindo o direito à assistência à saúde que respeite a diversidade.

“A negação de direitos que se sustenta por meio de uma ideologia racializada é, sem dúvida, um fator de extrema importância na elevação da incidência das doenças citadas entre a população negra brasileira”, analisa.

Ele destaca também que “o passado escravista afeta sobremaneira o presente da população negra brasileira, sobretudo se considerarmos que, ao fim do escravismo colonial, não houve uma reforma agrária no país, um processo que possibilitasse à imensa massa de libertos ter acesso às condições necessárias para que se estabelecessem com um mínimo de dignidade”.

CRIMES CENTENÁRIOS

O historiador aponta que o código penal brasileiro atual, por exemplo, conserva elementos dos códigos criminais do século 19, nos quais os africanos e seus descendentes eram o público-alvo preferencial. Diante disso, o psicológico e outras questões que atravessam a saúde dessa população também são afetados por

outras instâncias sociais.

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública publicado este ano, em 2022 o sistema penal do Brasil registrava 832.295 pessoas privadas de liberdade (em presídios e sob custódia das forças de segurança). Desse total,

68,2% eram negras, o que equivale a 442.033 pessoas

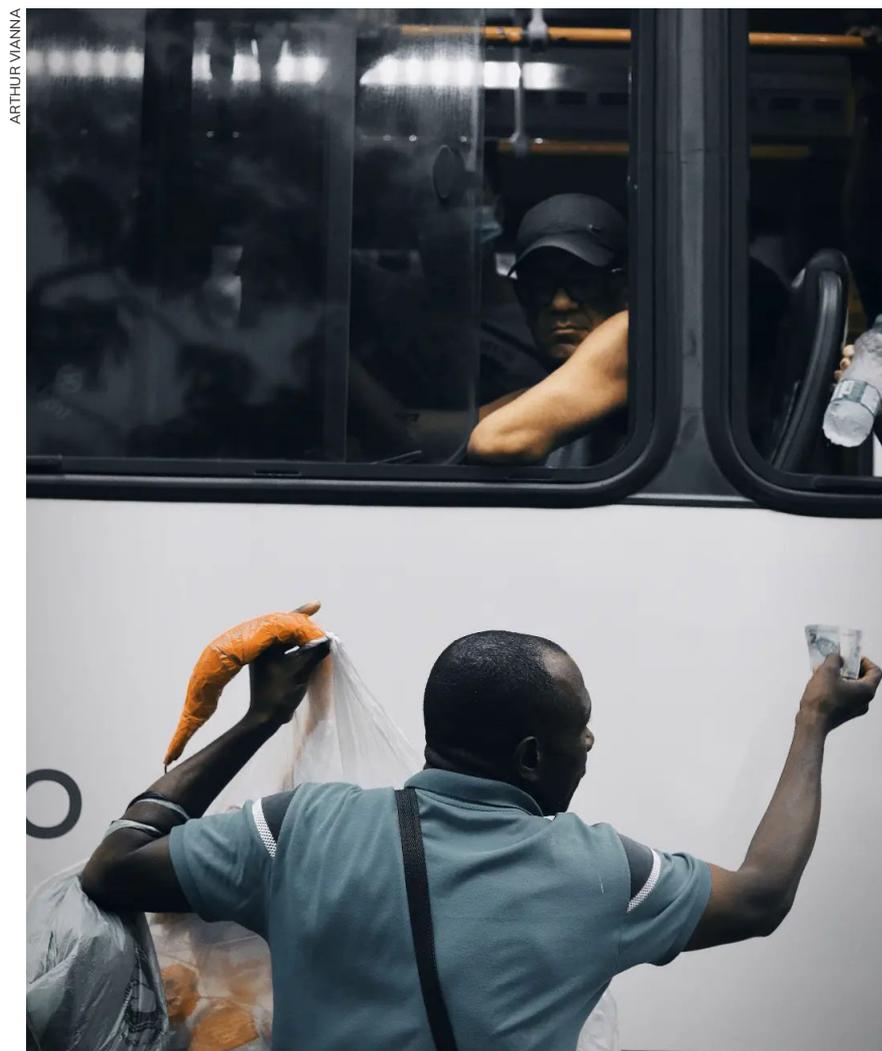
“Se considerarmos que cada uma delas tenha cinco pessoas próximas — filhos, pais, irmãos, cônjuges etc — chegaremos a um número expressivo de mais de dois milhões de brasileiros que sofrem, direta ou indiretamente, as consequências da privação de liberdade e de afeto”, diz Paulo Roberto.

MUDANÇAS PROFUNDAS

Para o pesquisador, a reversão desse cenário exige mudanças profundas. Porém, avanços já podem ser notados. Na área da educação, as cotas raciais nas universidades figuram como um dos possíveis pontos de partida.

Já na saúde, a ampliação da formação crítica de profissionais negros também pode ajudar a acelerar este processo.

“Também é preciso pensar na transformação do sistema de saúde como um todo, de modo que as pessoas em situação de maior precariedade tenham a garantia de acesso à saúde e a continuidade nos seus tratamentos e cuidados”, ressalta.



Pessoas brancas recebem em média 75% a mais que uma pessoa negra

VIVÊNCIAS QUE CONSTROEM O FUTURO

Festival Mulheres do Mundo coloca o saber, a experiência e o afeto feminino em pauta para um futuro melhor



WOW reuniu em 30 horas de programação, 200 atividades e mais de 500 mulheres

ANDREZZA PAULO

Potente, sensível e memorável: foi assim a segunda edição do WOW Festival Mulheres do Mundo. Com curadoria da Redes da Maré, o evento aconteceu entre os dias 27 e 29 de outubro e possibilitou o encontro de mulheres que estão escrevendo a sua própria história, se tornando agentes de mudança em suas comunidades e inspirando outras mulheres a fazerem o mesmo.

A partir da experiência imersiva de acolhimento e aprendizado, mulheres pretas, indígenas, de origens periféricas — participantes da Maré e de outros lugares do mundo se apresentaram como protagonistas de seus corpos, seus trabalhos e suas lutas.

Mesmo com uma programação repleta de atrações, a estrela do festival foi a troca de vivências de mulheres que estão se mobilizando e propondo uma importante construção feminina sobre seus direitos.

FEMINISMO PERIFÉRICO

Dentre elas, estava a escritora, ativista e crítica cultural Mikki Kendall, que cresceu em um bairro periférico de Chicago, nos Estados Unidos. Ela é a autora

de *Feminismo na Periferia*, título bem colocado na lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times*, e eleito livro do ano pela BBC e pela revista *TIME*.

Mikki explicou, em entrevista exclusiva ao Maré de Notícias, que o feminismo de mulheres periféricas e de favela precisa refletir as experiências singulares e territoriais de cada uma delas.

“Não podemos nos dar ao luxo de pensar em feminismo liberal. Nós temos de pensar em lutar ainda por coisas básicas como educação, saúde, água potável, comida saudável e boa para a gente”, disse ela.

Em sua obra, Mikki também enfatiza o papel fundamental das mulheres na luta pelos direitos em territórios marginalizados.

“Embora as pessoas possam discordar dessa forma de pensar o feminismo e acreditar que estamos causando problemas, eu digo para ignorarmos essas pessoas, porque elas não se preocupam com o nosso futuro. Vocês são responsáveis por cuidar, por lutar pelo seu futuro e bem-estar comunitário”, disse ela.

O FUTURO

Em sua segunda edição, o festival recebeu cerca de

300 mulheres de 16 países para dialogar sobre os temas *Futuros para quem?*; *Amor e afetos*; *Alimento e terra*; *Justiça e violências*; *Saúde*; *Sexualidades e corporeidades*; *Poder e política*; e *Saberes e educação*.

Foram mais de 30 horas de programação ao longo de três dias, divididas entre rodas de conversa, fóruns de vivência e trocas de experiências, entre outras atividades.

O festival também se estendeu para a Praça Mauá com ações de ativismo, espetáculos de dança, teatro, prática de yoga e muita música, a cargo de Marina Sena, Majur, MC Carol, Alcione e outras artistas.

Outro ponto significativo do festival foi o debate

sobre o futuro, que trouxe para a conversa a Ministra da Igualdade Racial, **Anielle Franco**. Em entrevista ao Maré de Notícias, ela discorreu sobre não haver “outra possibilidade de futuro além de nos mantermos vivos”.

Segundo Anielle, “quando a gente fala do ‘futuro pra quem?’, do futuro das mulheres negras, do futuro da favela, a gente sabe que é algo que há muito tempo nos é negado. O direito de ir e vir, à liberdade, direito de estar no nosso território com dignidade, com o máximo respeito que deveríamos ter. Infelizmente ainda não alcançamos esse patamar, mas espero que alcancemos em breve, espero que nosso futuro seja cada vez mais preto e favelado”.

SUCESO ALCANÇADO

O sucesso do festival é inegável. A multidão de mulheres que se formou em torno do Museu do Amanhã para ouvir Conceição Evaristo, Jurema Werneck, Silvana Bahia, Sara York e tantas outras, evidencia a urgência de discutir, de mulher para mulher, o que se espera do futuro feminino nos mais diversos aspectos, seja na Maré, no Brasil e no mundo. O festival deixa na memória das mulheres o acolhimento, as vidas entrelaçadas, o renovo para enfrentar os desafios cotidianos e os novos sonhos que foram construídos coletivamente com amor e afeto.



Ministra Anielle Franco falou sobre futuro e preservação da vida

GABI LINO



O PARAÍSO DAS CASAS COLORIDAS

Com 41 anos de fundação, Vila do João esbanja mocidade e potência

HÉLIO EUCLIDES

A Vila do João nasceu em 1982, construída no terreno que pertencia ao Ministério da Aeronáutica e foi adquirido pelo extinto Banco Nacional de Habitação (BNH). O fim da década de 1970 tinha sido de muita ansiedade e insegurança para os moradores da Maré: o Projeto Rio era um plano de urbanização da cidade e que previa a erradicação das palafitas nas periferias. Ninguém sabia ao certo quem seria removido para as casas erguidas pelo governo.

Foi então que os moradores se mobilizaram e criaram a Comissão de Defesa das Favelas da Maré (Codefam) para lutar pelos seus direitos — inclusive o de ocupar as casas que seriam construídas pelo BNH seguindo as normas do Programa de Erradicação da Sub-habitação (Promorar). As primeiras 193 habitações foram inauguradas com direito a placa, que ficava na Rua da Cidadania (antiga Rua Três). Na continuidade, o governo federal construiu o conjunto habitacional com 1.400 casas coloridas. O nome era uma clara homenagem ao então Presidente da República, o general João Batista Figueiredo e também uma imposição da ditadura na época.

Duas creches inaugura-

das na época foram batizadas de Tia Dulce e Tio Mário, uma alusão à primeira-dama, Dulce Figueiredo, e ao Ministro do Interior da época, Mário Andreazza.

COMÉRCIO E MOBILIDADE

Hoje a Vila do João é formada por 18 ruas e 24 travessas. **Valtemir Messias**, conhecido como Índio, é o presidente da Associação da Vila do João (AMVJ), e exalta a favela.

“Temos um comércio exuberante, sem falar nos ambulantes e em duas feiras, sendo uma de frutas e outra de roupas. Só de ponto de moto taxi são quatro, o que ajuda na mobilidade. O que falta na comunidade é um olhar maior do poder público”, analisa.

Ele lembra o projeto da Prefeitura do Rio Viver com Mais Verde, que em parceria com a AMVL aumentou o número de árvores nas ruas.

Cléia dos Santos, conhecida como Tia Cléia, tem 76 anos e mora na Rua Iluminada (antiga Rua Dezoito) há 41 anos. Antes, Cléia morou numa casa de palafita da Nova Holanda.

“Quando chegamos, aqui tinha o apelido de ‘inferno colorido’ porque as casas tinham muitas cores. Para a gente, o que impressionava era o quintal grande. Para

murar, precisamos do material de construção do governo”, lembra.

Tia Cléia diz que, “no início, não tinha nada, nem sequer uma padaria, mercado ou escola. Para não deixar as crianças sem estudo, a Prefeitura na época fez uma parceria com escolas particulares de Bonsucesso. Hoje temos até farmácia que entrega os remédios na porta”, orgulha-se.

VOLUNTÁRIA

Ela conta que o primeiro posto médico abriu na Rua Dez e depois, foi transferido para a Rua Éden (antiga Rua Dezessete), administrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Desde que a Escola Municipal Professor Josué de Castro foi inaugurada, em 1985, Tia Cléia é voluntária, ajudando na conservação dos espaços.

“Já são três gerações de alunos e fiz boas amizades. Não tem dinheiro que pague o prazer de ser voluntária na minha comunidade e na nossa escola. Muitas vezes os alunos vêm me buscar em casa. Amo a Vila do João, esse lugar é tudo de bom, em especial as pessoas”, diz.

O nosso passeio continua na próxima edição e chega à fundação do Conjunto Esperança, em 1982. Até lá!

GABI LINO

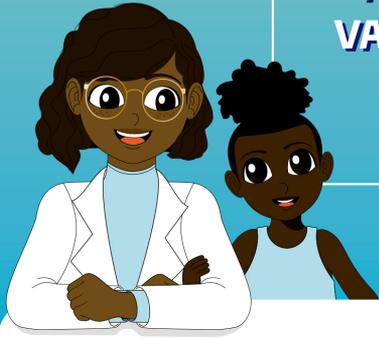


Rua principal da Vila do João é uma das mais movimentadas da Maré

VAMOS COLOCAR A CADERNETA DE VACINAÇÃO DO SEU FILHO EM DIA?

Vacina Maré

Crianças e Adolescentes



Você sabia que doenças já erradicadas no Brasil, como a **poliomielite** e a **rubéola**, podem voltar a contaminar nossas crianças por causa da falta de **vacinação infantil**?

O **sarampo** já havia sumido do nosso mapa, mas **voltou a contaminar nossos pequenos** em 2018. Outras doenças, em casos mais graves, podem ser fatais ou deixar **sequelas** para toda a vida – como é o caso da **paralisia infantil**.

Muitos pais ou responsáveis pelas crianças, por acharem que estas doenças não existem mais, deixam de colocar a caderneta de vacinação de seus filhos em dia! **Precisamos da sua ajuda para não deixar essas doenças voltarem!**

BORA VACINAR?

A boa notícia é que a vacinação está disponível para todos, de forma **gratuita**, nas unidades de saúde. Aqui na Maré, é só levar seus filhos de 0 a 6 anos ou acima de 12 anos (no caso da vacina contra o HPV) a uma clínica da família para tomar as vacinas que faltam!

O que é a campanha Vacina Maré Crianças e Adolescentes?

A Flocruz e a Redes da Maré, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, estão fazendo, na Maré, uma pesquisa para saber quantas crianças e adolescentes ainda precisam ser vacinados. Como continuidade dos estudos da Pesquisa Vacina Maré, essa etapa tem o objetivo de apoiar a cobertura vacinal para imunizar e proteger nossas crianças contra doenças para as quais existem vacinas seguras e gratuitas.

PASSO A PASSO PARA PARTICIPAR DA CAMPANHA DE VACINAÇÃO

Receba os pesquisadores de campo da Vacina Maré

Responda às perguntas do questionário

Verifique se falta alguma vacina na caderneta do seu filho

Vá até a unidade de saúde mais próxima da sua casa

Leve a caderneta de vacinação do seu filho (a)

Leve o documento com foto de um responsável pela criança ou adolescente

Vacine seu filho (a) contra as doenças indicadas

Pronto! Você exerceu o seu direito à saúde pública e gratuita oferecida pelo SUS!

Realização:



PICOLÉ

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Cruzadinha

Escreva o nome de cada definição nos quadradinhos.

GIZ DE ...	S	LATA DE ... DINHA	(PLURAL)
... PENTE		... BUSTO	... ESPACIAL
... BANANA		... PIRO	... PADA
... CO	100	... LHA	DE ARTES
... TOR	6	AS ... BIO	M
... BOLA		... DA	

3

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA



#FaçaCoquetel @editoracoquetel @coquetel

ASSINE AGORA!
www.coquetel.com.br



Solução

U	V	C	V	T
E	O	O	R	
S	S	D		
U	A	N	D	
A	V	A	G	
M	C	E		
M	V	A	B	
E	R	A	D	
	G	R	A	
	B	A	N	
S	P	R	I	
Y	M	I	R	
R	S	C	E	
L	S			

SIGA O CANAL "MARÉ DE NOTÍCIAS" NO WHATSAPP



FALE CONOSCO:

Email: maredenoticias@redesdamare.org.br
Whatsapp: +55 21 97271-9410

REDES SOCIAIS:

Twitter: @maredenoticias
Instagram: @maredenoticias
Facebook: fb.com/maredenoticias

REDAÇÃO MARÉ DE NOTÍCIAS
Rua Sargento Silva Nunes, 1008A
Nova Holanda – Maré
Telefone: +55 (21) 3104-3276